

A África na obra *O canto dos escravizados*, de Paulina Chiziane

Africa in O canto dos escravizados, by Paulina Chiziane

Submetido em: 10/09/2024

Aceito em: 12/11/2024

Marinei Almeida¹

Simone de Barros Berte²

Vera Lúcia da Rocha Maquêa³

Resumo: A Literatura Africana de Língua Portuguesa, especialmente a poesia, frequentemente lança seu olhar para a colonialidade e as formas de opressão dela decorrentes, mas também evidencia a resistência, ou o anseio por ela, para a criação de uma outra realidade. Nesse contexto, este artigo tem por objetivo analisar *O canto dos escravizados*, de Paulina Chiziane, publicado no Brasil em 2018, refletindo sobre a experiência dos negros africanos quanto à colonialidade. A obra revisita episódios históricos das empreitadas escravocratas e coloniais que envolveram o continente africano, mas também aponta para um convite a resignificação do lugar homogeneizante legado à África. Deste modo, refletiremos, por meio da leitura de alguns poemas selecionados do livro, como é trazida a imagem da África e as estratégias provocativas utilizadas para apresentar uma possibilidade de (re)existir pela luta. Ao final, lançamos mão do poema "Grito negro" (1964), do autor moçambicano José Craveirinha, como aporte de diálogo sobre as discussões que envolvem o reconhecimento do africano como sujeito explorado, mas sobretudo com o tema da resistência, que norteia a obra poética de Paulina Chiziane.

Palavras-chave: *O canto dos escravizados*; Paulina Chiziane; Literatura e resistência.

Abstract: African Literature in Portuguese, especially poetry, often looks at coloniality and the forms of oppression arising from it, but it also highlights resistance, or the yearning for it, for the creation of another reality. In this context, this article aims to analyze how the work *O canto dos escravizados*, by Paulina Chiziane, published in Brazil in 2018, reflects about the experience of black Africans regarding coloniality. The work revisits historical episodes of slavery and colonial enterprises the African continent, but also pointing to an invitation to re-signify the homogenizing place attributed to Africa. In this way, we will reflect on, through reading some poems selected from the book, how the image of Africa is brought up, and the provocative strategies used to present a possibility of (re)existing through struggle. In the end, we use the poem *Grito Negro* (1964), by Mozambican author José Craveirinha, as an approach to talk about the issues that involve the recognition of the Africans as exploited individuals but above all that, the theme of resistance, which guides the poetic work of Paulina Chiziane.

Keywords: *O canto dos escravizados*; Paulina Chiziane; Literature and resistance.

Introdução

*Ô meu corpo, faça sempre de mim
um homem que questiona!*

¹ Doutora em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. Docente na Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: marinei.almeida@unemat.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9246658373031683>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7255-3956>

² Doutora em Letras (Estudos Literários) pela Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: simonebarrosberte@unemat.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5896048847184440>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6558-3281>

³ Doutora em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. Docente na Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: maqueav@unemat.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9059264258962247>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0879-4469>

(Fanon, 2008, p. 191).

A criação artística permeada pela ressignificação da identidade do povo africano tornou-se motivo da escrita de diversos escritores nos países que foram colonizados por Portugal, afinal, a literatura é um produto social. Muitos destes escritores utilizam a linguagem literária para problematizar a colonialidade e abordar a resistência, visto que “a resistência tem muitas faces” (Bosi, 1990, p. 143).

Para Sartre, por meio da literatura, o escritor pode “desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade” (2004, p. 21). Isto é possível porque “a arte não perde nada com o engajamento” (2004, p. 23), pois alia a literatura a sua função social. Por conseguinte, essa laicização possibilita conhecimento e pode transformar o indivíduo pela compreensão e assimilação de novos valores.

Assim também, Candido (2006) afirma que:

Considerada em si, a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. Mas quase sempre, tanto os artistas quanto o público estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra. O artista quer atingir determinado fim; o auditor ou leitor deseja que ele lhe mostre determinado aspecto da realidade (Candido, 2006, p. 54).

Nesse sentido, a produção poética, por exemplo, se alimenta das condições do contexto em que é produzida, sendo sujeita às variações que nele ocorrem. Desse modo, consciente de seu papel e da função social da literatura, a escrita que aqui analisamos reflete sobre o drama vivido pelo homem negro e o seu processo de coisificação imposto pelo contexto histórico violento, marcado pela escravização e pela colonização. Igualmente, por meio do poema “Sou” e de trechos de outros poemas que compõem o livro *O canto dos escravizados* (2018), de Paulina Chiziane, refletimos sobre a experiência dos negros africanos no período escravocrata, estabelecendo um diálogo com o poema *Grito negro*, de José Craveirinha, com objetivo de relacionar essas escritas sobre a África, um continente que, pela sua resistência, ambiciona instaurar um espaço de reconstrução para o seu povo.

O *Canto dos escravizados*, de Chiziane, é dividido em sete livros⁴, a saber: “Testamento”, “Canto de dor e desespero”, “Canto de resistência”, “Transcendência”, “Canto de liberdade”, “À volta da fogueira”, “Canto de esperança”. No conjunto, a obra conduz um convite à resistência para que a África retome os rumos de sua história. É possível entrever a concretização de uma literatura de natureza subversiva que reitera temas e argumentos com objetivo de mostrar que existe uma forma estereotipada de dizer o continente africano, que em larga medida determina a maneira de o negro se reconhecer. Mas que, ao mesmo tempo, estimula que ele lute para reconstrução de si e de seu lugar. A partir desta observação inicial, escolhemos traçar um percurso de como o continente africano é trazido e problematizado em alguns poemas do livro de Chiziane.

A África e a resistência na obra *O Canto dos escravizados*, de Chiziane

Em alguns dos poemas da primeira parte, “Testamento”, a África é enaltecida para na sequência mostrar a dimensão das perdas ocasionadas em razão da invasão colonial. A fim de elencar as heranças deixadas aos africanos, sejam positivas ou negativas, o continente é exaltado como ocorre no poema “Deixo-te o orgulho de existir”.

Deus fez a África por amor e não por engano
És a mais perfeita imagem do criador: és negro e forte
Negro como a nuvem negra que traz a chuva
Negro como a terra negra prene de fertilidade
Negro como a noite onde residem os segredos da criação

És o milagre que Deus criou

Berço universal que gerou a pródiga humanidade
Na tua luz e sombra repousam sabedorias antigas

És o celeiro de invasores e a sobrevivência do mundo
És o jardim onde vidas em flor morrem calcinadas
Onde corpos estalam no fogo posto como folhas mortas
(Chiziane, 2018, p. 23).

O verso inicial diz que “Deus fez a África por amor e não por engano”, afirmando que o continente foi desejado e não feito por um erro, um acidente como a “história de mão única” foi (e ainda é) contada. No poema é inferido que o continente foi feito com

⁴ A obra é dividida em 7 partes, às quais a autora denomina livro.

planejamento pelo seu inventor. Desta maneira, estes versos reiteram a importância do continente como um filho amado por seu criador, feita à imagem de Deus. Portanto, na comparação estabelecida no final do segundo verso, ambos, o Deus e o povo africano, são negros e fortes. Por meio desta aproximação, mais que a valorização da crença religiosa, afirma-se também a grandeza do continente para mostrar que ele não deve ser visto como menos importante que o resto do mundo.

O poema destaca nos versos finais desta estrofe uma sequência de comparações do negrume de Deus e da África, de modo a reafirmar a tonalidade dos elementos comparados com elementos da natureza: a nuvem negra, a terra negra e a noite. O poema traz nestes versos a força natural destas aproximações, parecendo apelar a um preceito religioso que determina o que é a África: negro. Vale observar que o uso do adjetivo no gênero masculino, portanto não concordando com o seu referente direto (África), remete também ao povo africano negro. Afinal, existe entre ambos,

"África" e "negro" - uma relação de coengendramento liga esses dois conceitos. Falar de um é, na realidade, evocar o outro. Um confere ao outro seu valor consagrado. [...] Ambos são produtos de um longo processo histórico de fabricação de sujeitos raciais (Mbembe, 2018, p. 79).

A conjugação do verbo "ser" na segunda pessoa do singular do presente do indicativo, "És", é utilizada em destaque no poema e reiterada por seis vezes. A certeza, expressa pelo modo verbal em contraste com o modo como aparecem as outras formas verbais na terceira pessoa, parece evocada por uma figura suprema que com tom imperativo, por meio da voz poética, determina que a existência negra e o continente não devem ser diminuídos.

Quanto ao verso que abre a última estrofe, mais que a argumentação religiosa, sugere a importância econômica da África para o mundo, pois foi explorada por invasores, tornando-se, desta forma, objeto usurpado. Em vista disso, a produção e circulação de mercadorias favoreceu relações comerciais e, neste sentido, "a sobrevivência do mundo". Assim, sugere a relevância para o crescimento econômico mundial por suas riquezas naturais e mão de obra que foi escravizada.

Porém, nos versos seguintes: "És o jardim onde vidas em flor morrem calcinadas/ Onde corpos estalam no fogo posto como folhas mortas", o poema vai sendo encaminhado para a ideia de que o território africano foi explorado desmedidamente, por isso ocorre a destruição da riqueza. O poema, de maneira geral, aponta para um

fortalecimento da humanidade do negro em oposição a toda construção de ideias totalizantes que subsidiaram a colonização, a escravidão e os massacres aos povos africanos, por exemplo.

Para o estudioso Fanon (1961), a colonização “é uma negação sistemática do outro, uma decisão furiosa de privar o outro de qualquer atributo de humanidade” (1961, p. 263). Portanto, o opressor luta para reforçar seu domínio e sua exploração humana e econômica, já que

Existe, pois, uma cumplicidade objectiva do colonialismo com as forças violentas que estalam no território colonial. Além disso, o colonizado não está sozinho em face do opressor. Existe, bem entendido, a ajuda política e diplomática dos países e povos progressistas. Mas, sobretudo, ele tem a competição, a guerra desapiedada a que se entregam os grupos financeiros. (Fanon, 1961, p. 62).

De maneira que o colonizador teve forças suficientes para manter a perversidade do sistema que engendrou, por isso tal sistema teve legitimidade para difundir discursos que autorizaram a Europa impor domínio sobre outros territórios com a justificativa de uma falaciosa superioridade cultural, religiosa e racial (Said, 1995). Para tanto insiste em manter inalteradas a imagem que a Europa criou do colonizado e do continente africano:

Significa dizer que o saber ocidental constrói uma nova consciência planetária constituída por visões de mundo, autoimagens e estereótipos que compõem um “olhar imperial” sobre o universo. Assim o conjunto de escrituras sobre a África [...] contém equívocos, pré-noções e preconceitos decorrentes, em grande parte, das lacunas do conhecimento quando não do próprio desconhecimento sobre o referido continente. (Hernandez, 2005, p. 17-18).

Com essa visão arquitetada, ao mesmo tempo, simplista e equivocada, a África “[...] nos é apresentada ora como um país, ora como uma cidade, ora como uma aldeia pitoresca” (Munanga, 1984, p. 01). Nesta perspectiva, a escrita de *O canto dos escravizados* oferece pontos de referência históricos, pois além de falar da grandeza do continente, lugar das primeiras descobertas e invenções, há o reconhecimento da sua importância histórica. Neste sentido, Paulina Chiziane reafirma em sua escrita a importância da África para o surgimento e desenvolvimento do mundo. Prepara o leitor sobre o que é preciso conhecer e do que precisa aproximar-se, para assim, entender o que é ser africano.

Seguindo a leitura de primeira parte, “Testamento”, as heranças acima mencionadas se referem mais ao que falta aos herdeiros. O que confirma que os invasores deixaram destruição. Neste aspecto, é simbólico o poema “Deixo-te como herança a coragem”:

Sabes o que é coragem? É ser mais duro que as pedras
Enfrentar qualquer desafio mesmo que morras
Queres viver? E sabes o que é viver, filho meu?
Defender o sopro da existência no sol de cada dia
A eterna busca de paz na lonjura dos caminhos

Não queres lutar? Tens medo de morrer?
Como um morto, tu és tratado mesmo que respires
Filho de um reino incendiado, de raiz decepada
A tua alma flutua à deriva nas águas dos oceanos

Agora dou-te um conselho:
Só queres sobreviver diante do sofrimento
Coloca asas na alma. Levita
Voa para longe daquilo que te magoa. Sonha
No balanço rítmico das ondas, baloiça, canta
Recita versículos ao vento na dança das marés
(Chiziane, 2018, p. 21).

Nestes versos, a voz poética lança um olhar para o que foi deixado aos negros em um apelo visceral que o faz ver e sentir que tem uma missão de querer mais do que: “Defender o sopro da existência no sol de cada dia” (2018, p. 21). Para retomar a violência que sofreu o africano, o poema usa inicialmente um tom também agressivo como se pretendesse abalar, entranhar e fazer reavivar a dor da violência sofrida pelo negro e provocada pelo colonizador.

A ideia de morte que aparece nos versos da primeira estrofe, “Enfrentar qualquer desafio mesmo que morras / Queres viver? E sabes o que é viver, filho meu?”, é uma maneira de relacionar o quão opressor foi todo o sistema colonial. Esta ideia é reforçada ao longo do poema pela escolha vocabular e pelas imagens duras que vão sendo construídas, por exemplo: “Como um morto, tu és tratado mesmo que respires / Filho de um reino incendiado, de raiz decepada / A tua alma flutua à deriva”. Desta maneira é afirmado que só resta ao negro lutar, sem medo de qualquer consequência, inclusive a morte, haja vista que ele já é tratado como um morto.

Estes versos confirmam que “para morrer de fato, é preciso ainda aceitar não apenas a dádiva da morte, mas também a forma do morrer” (Mbembe, 2018, p. 239). Pois, neste sistema social, “humilhado e profundamente desonrado, o negro é, na

ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa e o espírito em mercadoria - a cripta viva do capital. (Mbembe, 2018, p. 21). Desta maneira, o poema e a obra falam das formas de dominação dos tempos modernos por meio de um eu-lírico solidário, mas ao mesmo tempo crítico. Isso é percebido nos versos: “Não queres lutar? Tens medo de morrer? / Como um morto, tu és tratado mesmo que respires” (Chiziane, 2018, p. 21).

Diante de tal postura incisiva, por conseguinte, podemos entrever a retomada dos elementos da Negritude, que Césaire define “em três palavras: identidade, fidelidade, solidariedade” (Munanga, 1988, p. 06). A escrita de Chiziane (2018) traz aspectos da Negritude, não como movimento intelectual que ocorreu no século passado, mas para pensar a África do ponto de vista dos africanos com a finalidade de fazerem-se sujeitos da sua própria história. A “Negritude, quer dizer, a personalidade negra, a consciência negra” (Munanga, 1988, p. 43). Porquanto

foi apenas a partir de 1960 sob influência dos nacionalismos independentistas e no âmbito da busca pela identidade do continente e de cada um dos estado-nação recém-formados, que foi reconhecida a necessidade de se conceber um novo método de abordagem adequado para negar a homogeneidade das “tribos africanas”. (Hernandez, 2005, p. 25).

Diante da impiedosa exploração, resgatar parte da africanidade significou e significa desencadear um processo de construção de identidade africana que “consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer, de cabeça erguida: sou negro” (Munanga, 1988, p. 44). Portanto, *O canto dos escravizados* apresenta uma África que almeja a retomada de elementos da negritude ao se referir ao povo negro, ao sentimento como tal e ao conjunto de traços culturais comuns aos africanos.

Destarte, a herança principal legada aos africanos é a necessidade de que lutem por sua existência justa e humana, que se ressignifiquem como sujeitos de suas próprias histórias, deixando de serem vistos essencialmente como explorados e subalternizados para que possam ser autônomos na luta pela liberdade e independência. Assim, é significativa a última estrofe, na medida em que, em seus versos há uma espécie de conselho, incentivando o negro a não aceitar apenas “sobreviver”, como menciona na abertura do verso, mas ousar a sair do lugar de opressão e alçar voos para um devir melhor.

Coloca asas na alma. Levita
Voa para longe daquilo que te magoa. Sonha
No balanço rítmico das ondas, baloiça, canta
Recita versículos ao vento na dança das marés
(Chiziane, 2018, p. 21).

Diferente da mensagem utópica que constatamos nos versos acima, no poema “Desespero”, trazido no livro “Canto de dor e desespero”, traz uma reafirmação do lugar de desumanização a que foi colocado o negro. Nele é trazida uma definição do escravo como filho sequestrado da mãe África. A voz poética lista o que foi tirado do negro, em consequência disso reitera que ele é o filho que está distante, e não lhe resta nada, nem o direito a saudade, uma vez que “Até da saudade o escravo foi privado” (2018, p. 35).

A maior miséria do ser humano é não ter amor
Viver eternamente sem esperança
Não saber quem ele é, nem de onde veio
E não ter conforto na hora do desespero

Do escravo foi tirada a terra, o nome, a família
Foi tirada a pátria, a casa, a existência
Tiraram-lhe o corpo e ficou de alma nua
Até da saudade o escravo foi privado
(Chiziane, 2018, p. 35).

Em vista de tudo o que perdeu, de ter como herança a miséria de existência, a África canta de dor e de desespero, uma vez que houve a aniquilação de tudo o que permitia ao negro possuir alguma referência de sua identidade. Tudo o que foi retirado dele faz com que vivesse “eternamente sem esperança” e que “não ‘soubesse’ quem ele é” (2018, p. 35), por isso, o sujeito poético relembra o sentimento de angústia e desespero que refletiram episódios históricos do povo africano.

Podemos perceber que, com frequência o sujeito-lírico se coloca na posição de conhecedor dos processos históricos e políticos do continente; neste sentido, intencionalmente, retorna o convite para que o povo africano reconheça o mundo em que vive e reconheça-se nele, e, assim, por meio da memória se reconstrua como lemos nos versos do poema “Escuta-me”, em que interpela o negro para que este saiba de sua história, de seu passado que está oculto como se tivesse um manto que o encobrisse:

Rasga o manto das trevas e vê o mundo com olhos novos
Desperta do sono que te pode conduzir a novos abismos

Escuta-me: sem passado e sem memória não há história
Ninguém é ninguém se não souber quem na essência é
Não queres mesmo saber o seu passado?
(Chiziane, 2018, p. 58).

Com tom dramático, demonstra sua compreensão das estruturas sociais e, em vista disso, sabe a relevância dos indivíduos se conhecerem, saberem a sua história, para que não retornem a novos sistemas exploratórios, que ele denomina de “novos abismos”. Assim, com comoção, convoca, tal qual faz no trecho do poema “Transcendência”, retirado do livro IV, de mesmo nome, “Transcendência”, no qual excede a sua projeção mística por sua capacidade de ser fortalecedora do negro. O convite para a luta é dirigido à África, assim como no primeiro verso:

Reza, África, onde quer que estejas
Comunga com a natureza toda a sua energia
Mesmo sem intercepção de profetas, creia
A tua oração chegará ao coração alto
(Chiziane, 2018, p. 84).

O trecho acima estabelece diálogo direto com a África por meio do vocativo. No lugar de se referir ao povo africano, toma o continente de maneira geral, o que amplia a intencionalidade e reforça a mensagem almejada. Deste modo, tanto os negros que habitam o seu território, quanto os que estão fora dele são indissociáveis do que é ser África. Podemos observar nesta escrita que a África é formada tanto como um lugar amplo quanto restrito por meio de cada sujeito africano, reforçando não uma homogeneidade, mas a energia e força da união do povo em prol de um continente fortalecido em sua identidade e luta.

Ainda, nos versos acima, especialmente em “Comunga com a natureza toda a sua energia” (2018, p. 84), é trazida a compreensão sobre a força vital, que caracteriza o valor tradicional da África, senão em um todo, mas em parte dela. A força vital é uma filosofia de vida dos povos bantu; se refere ao valor supremo que influi em todos os aspectos da vida, portanto “a África tradicional concebe o mundo a partir de uma visão dinâmica que observa todos os seres em perpétuo crescimento e numa interação constante. A *força vital* está presente em todos os seres existentes”. (Serrano e Waldman, 2007, p. 139, grifo dos autores). Ela é importante, pois, “a filosofia de participação na vida global do mundo, a busca do crescimento da força, a consciência da primazia do coletivo sobre o indivíduo constituem um outro aspecto da africanidade” (Munanga, 1984, p. 13).

Nos últimos cantos, a voz lírica, depois de amplamente ter convidado o povo a gritar em prol da luta em todas as sete partes que constituem o livro aponta para um canto de esperança. De modo que, além de embalar a dor, suavizar o desespero, gritar e convidar os africanos para participar da resistência, expor um grito de revolta, chorar pela morte do povo que foi escravizado, também orienta para um caminho de esperança: “canta filho de África, este canto de esperança” (Chiziane, 2018, p. 165).

Por conseguinte, diante das recomendações para que o negro (re)conheça a sua história para que ela seja caminho para se apoderar de seu destino, pois o desconhecimento, a falta de consciência do passado pode possibilitar que novos desastres aconteçam, uma vez que a dominação que ocorreu no passado pode se repetir, reitera: “Retira a poeira dos olhos/Que o passado é o eterno presente” (Chiziane, 2018, p. 59). Deste modo, como se compreendesse e se comprometesse a lutar por uma liberdade, em alguns momentos há uma afirmação do comprometimento com a resistência: “Às vezes penso que o mundo será melhor /E por ele lutarei por toda eternidade” (Chiziane, 2018, p. 39); “Se me trouxeres outros navios negreiros/Enfrentá-los-ei até a última gota de sangue (Chiziane, 2018, p. 64).

Como vimos, em todo o livro *O canto dos escravizados*, o sujeito lírico critica o conformismo frente aos acontecimentos do passado e a continuidade da consequência deste no cotidiano do sujeito africano. Por isso, em vários momentos da obra é trazida a ideia de que não existe perspectivas de um futuro de liberdade para o negro se ele não souber quem é, não se reconhecer enquanto sujeito de seu próprio destino, não reconstruir sua identidade africana e não se rebelar contra seu opressor em busca de autonomia. Tal aspecto é repetidamente reforçado, pois “dão até hoje contra a África falsos testemunhos/ E espalham aos quatro ventos os mais abomináveis preconceitos” (Chiziane, 2018, p. 97). Dessa maneira, há uma voz que anseia que a África lute por uma existência com dignidade, fora do lugar que foi convencionado a ela ocupar.

O “Grito negro” em “Sou”

Paulina Chiziane constrói o livro *O canto dos escravizados* em torno da ideia de que a reconstrução da África se dará pela luta do seu povo, o qual deve se rebelar contra a exploração e violência infringidas contra ela. Em seus sete cantos, o livro circula em torno dessa temática que retoma o sofrimento impingido ao africano para

em seguida trazer um convite para lutar contra a continuidade de exploração e anonimato relegados ao continente. Nesse sentido, faz-nos lembrar a mensagem trazida no poema Grito negro, de José Craveirinha publicado no livro *Xigubo*, em 1964, obra que marca a fase inicial da Negritude de Craveirinha em que ele deixa eclodir, em forma de versos, a revolta e insatisfação face ao sofrimento e exploração do povo moçambicano. No entanto, antes de começarmos nossa reflexão sobre o diálogo entre os poemas, é importante considerar o contexto histórico de publicação, período que marca o início da luta armada pela libertação do país. Já Chiziane publica seu livro mais de 40 anos depois da independência de Moçambique, portanto em um contexto histórico bastante diferente do ponto de vista dos acontecimentos históricos de violência e guerra que marcaram os 10 anos de luta armada contra Portugal. Porém, em ambas as obras se reitera, de maneira bastante diversa, na individualidade das características formais da escrita de cada um, a expressão do desejo da continuidade da luta do povo africano por uma autonomia política e cultural.

Em pleno cenário de luta, Craveirinha lança seu Grito negro, em que constatamos primeiro um reconhecimento de um sujeito negro explorado e que se configura a fonte de riqueza do explorador:

Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
e fazes-me tua mina, patrão.

Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão,
para te servir eternamente como força motriz
mas eternamente não, patrão.

Eu sou carvão
e tenho que arder sim;
queimar tudo com a força da minha combustão.

Eu sou carvão;
tenho que arder na exploração
arder até às cinzas da maldição
arder vivo como alcatrão, meu irmão,
até não ser mais a tua mina, patrão.

Eu sou carvão.
Tenho que arder
Queimar tudo com o fogo da minha combustão.

Sim!
Eu sou o teu carvão, patrão.
(Craveirinha, 1964, p. 27).

O poema traz, portanto, a denúncia sobre a exploração do corpo do sujeito negro, igualando ao estado de escravização marcado pela brutalidade do gesto de arrancar o negro de sua terra e fazer dele um objeto de sujeição e fonte de riqueza do explorador. Craveirinha não só trata da questão racial por meio de um sujeito-lírico em primeira pessoa que se afirma ser carvão, mas por meio de um sujeito consciente de identidade africano e de seu poder de revolta contra a sujeição.

O poema propõe gritar contra a exploração, daí a relevância das pausas e exclamações que marcam a entonação do Grito negro. O grito de resistência e de autoafirmação, ou seja, do reconhecimento de ser negro/carvão/explorado é colocado com ênfase em todo o poema. A reiteração do vocábulo “carvão que abre cada estrofe, por meio da afirmação “Eu sou carvão!”, é empregado com sentido ambíguo, uma vez que se refere a cor negra da pele, mas também a cor do minério, o carvão. No poema a palavra carvão metaforiza a exploração do negro e do minério, ambos arrancados da África com o mesmo objetivo: fonte de riqueza. Em primeira pessoa, o eu lírico se compara ao minério e afirma que assim como o carvão o negro também é explorado, denunciando, por isso, a dor deste provocada pelo abuso do patrão.

Deste modo, apesar de mostrar a subjugação do negro frente a espoliação do outro, o eu-lírico reafirma a sua força regada pela indignação e revolta, combustão para a libertação futura: “Eu sou carvão / E tu acendes-me, patrão, / para te servir eternamente como força motriz”, no entanto comparece aí uma mudança de atitude demonstrada pela força da indignação para quebrar essa corrente de exploratória, marcada esteticamente pela conjunção adversativa no último verso da estrofe: “mas eternamente não, patrão.” Assim, é espetacular e certa a construção poética destes versos, que trazem a ideia de que o carvão e o negro queimam pela ambição do outro, mas em contrapartida ambos são resistentes ao ponto de provocarem uma mudança o carvão pelo atrito provocar uma explosão, e o negro uma revolta.

De tal modo, o grito ora é de denúncia, ora de resistência. Semelhante ao grito proposto no poema de Craveirinha, Chiziane também traz a subjetividade do sujeito explorado no poema “Sou”, em que são arrolados atos de exploração do sujeito negro e o reconhecimento deste da sua condição. Como nos versos de Craveirinha, estes também apontam para uma atitude de resistência para o enfrentamento daquele que imputa ao sujeito danos a seus direitos.

Sou o canto dos ventos, o canto dos pássaros

O canto das ondas de todos os oceanos
Embalando a dor dos cativos a caminho da escravidão
Suavizando o desespero dos negros no fundo do porão

Sou o grito de revolta pela dor do chicote
Sobre os corpos nus empilhados no escuro
Choro pelos negros que morrem
Diante da tirania impiedosa dos homens do mar

Sou o canto de esperança no ciclo das estações
Derramando lágrimas de fome, de dor e de medo
Vencendo o frio tenebroso das trevas de hoje
Para viver momentos luminosos na próxima geração

Fui escravizado pela força das armas
Trabalhei a vida inteira como uma besta
Para receber do meu dono uma mão de feno
E um púcaro de água turva
(Chiziane, 2018, p. 31).

Em primeira pessoa, o poema apresenta um sujeito lírico consciente de seu lugar e estado, como vimos no poema de Craveirinha e vai além da luta, ao final traz um balanço de tudo o que recebeu “do dono” em troca de uma vida de exploração.

A voz empregada no poema de Chiziane traz um tom coletivo (não que de Craveirinha não tenha) no sentido de apontar para um sujeito amplo, como a própria África que, no lugar de mãe, toma as dores dos seus que liricamente, por meio dos elementos da natureza (ventos, pássaros, ondas) embala, como uma mãe, o povo que foi levado do seu continente para ser escravizado. Assim, ela afigura uma mãe que nina os filhos, tentando suavizar o sofrimento.

Essa mãe também simboliza ação, como sugerido pelo emprego dos vocábulos utilizados no gerúndio na primeira estrofe (embalando/suavizando), ao mesmo tempo em que suavemente canta para embalar os seus filhos, assumindo a dor e o grito de revolta. Fica explícito que essa África apesar de ferida, sofrida pela exploração e sofrimento dos seus, nutre uma vontade de seguir em frente, envolta no desejo de vitória, pois, mesmo “derramando lágrimas de fome, de dor e de medo”, apesar de toda a agonia também advinda da revolta, aponta utopicamente para um devir melhor.

O poema apresenta uma gradação de atos de sofrimento impingidos aos negros, construída pelo uso dos vocábulos e expressões entre as estrofes que remetem ao grito sufocado, mas que, ao mesmo tempo, também remete ao desejo de revolta e vitória. Na primeira estrofe, ainda que sejam mencionados “o caminho da escravidão” e “os negros no fundo do porão”, os termos canto/ondas/suavizando/e

embalando sugerem uma tentativa de amenizar o sofrimento do povo negro. Já na segunda estrofe, a escolha vocabular expressa revolta ao expor para o leitor a crueza trágica da realidade social por meio da escolha de termos e expressões: chicote/ corpos nus empilhados no escuro/negros que morrem/tiranía impiedosa. Na terceira estrofe é anunciado que, por meio da revolta, ainda que vislumbre dor e medo, é possível que surja o “canto de esperança no ciclo das estações” / “viver momentos luminosos na próxima geração”.

Na última estrofe é apresentada uma espécie de síntese do que o povo viveu em estado de exploração, trazendo uma comparação ao trabalho de um animal que recebe “uma mão de feno” e “um púcaro de água turva” como recompensa.

O livro *O canto dos escravizados*, pela referência à ideia implícita contida no poema Grito Negro, de José Craveirinha, apresenta uma perspectiva de insurreição do povo africano. Portanto, ao lembrar a escravidão e por meio do apelo pelo grito de resistência pede a descolonização, pois, segundo Fanon (1961, p. 31), “a descolonização não passa nunca despercebida, dado que afecta o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma os espectadores esmagados pela falta do essencial em actores privilegiados.”

Dessarte, o sujeito lírico de *O canto dos escravizados* convida a África para uma reconstrução, para buscar meios para (re)existir contra a violência do sistema opressor. Deste modo, os poemas são um conjunto de cantos de resistência que por um lado enaltecem as raízes do negro africano e por outro demonstram indignação contra a exploração perpetrada contra ele, logo reafirmam a posição do povo negro dentro da sociedade colonial e pós-colonial.

Os aspectos apresentados, a partir de elementos dos poemas aqui lidos, vai ao encontro das reflexões do Alfredo Bosi quando afirma que “Projetando na consciência do leitor imagens do mundo e do homem muito mais vivas e reais do que as forjadas pelas ideologias, o poema acende o desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela” (1990, p. 192). Assim, essas escritas apontam para “aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar” (Bosi, 1990, p. 192), construindo a resistência pela compreensão da necessidade do compromisso com a luta contra a exploração e opressão.

Considerações finais

Chiziane romancista/contadora de histórias canta a experiência dos negros quanto à colonialidade e convoca para que lutem por liberdade e fim da exploração em *O canto dos escravizados*. Para estabelecer diálogo acerca desta perspectiva, selecionamos, em diversos momentos do livro a construção de uma imagem do continente. Nesta análise pudemos observar a compreensão da necessidade de reconstrução dessa África explorada, nos versos da autora, com uma mensagem explícita e direta de que é preciso lutar pela continuidade da libertação, individual e coletiva.

Por conseguinte, na forma de literatura de resistência, Chiziane revisita a temática já ensaiada em outros momentos históricos e artísticos especialmente do século XX em outras obras da literatura escrita nos países africanos de língua portuguesa; por exemplo a ideia de reconstrução e de liberdade trazidas no grito de revolta do negro explorado, artisticamente criado por Craveirinha no poema “Grito Negro”.

Além do mais, Paulina Chiziane traz de maneira criativa na sua obra a diversidade cultural do continente, reafirmando a necessidade de fugir do senso comum que o homogeneizou, uma vez que este é extremamente diversificado, marcado por encontros de variados povos e culturas. Portanto, sua escrita busca desconstruir o imaginário homogeneizante do que seja África, apontando essencialmente para a necessidade de uma revisitação das concepções eurocêntricas que não dão conta de conceituar o que seja aquele continente.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. Poesia-resistência. In.: *O ser e o tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 09ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CRAVEIRINHA, José. Grito negro. In: CRAVEIRINHA, José. *Xigubo*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1964, p. 27.
- CHIZIANE, Paulina. *O Canto dos Escravizados*. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HERNANDEZ, Leila M. G. Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MUNANGA, Kabengele. *O Universo Cultural Africano*. In.: Revista Fundação João Pinheiro, v. 14 (1-10): 66-74. Belo Horizonte: 1984. Disponível em: <https://fjp.mg.gov.br/revista-campo-de-publicas-conexoes-e-experiencias/>. Acesso em 20 abr. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Negritude. In.: MUNANGA, Kabengele. *Usos e sentidos*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988, p. 32-51.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. *O que é a Literatura?*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. A África tradicional. In: SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. *Memória d'África: a temática africana em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 126-180.